



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

XIX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE
EDUCAÇÃO / I EREBIO – REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE
ENSINO DE BIOLOGIA – REGIONAL SUL.

A HOMOSSEXUALIDADE E A PERSPECTIVA FOUCAULTIANA

Francis Madlener de Lima (francis_mad@hotmail.com)

Nilson Fernandes Dinis

Programa de Pós Graduação em Educação

Universidade Federal do Paraná

CNPq/CAPES

Resumo: O dispositivo da sexualidade, segundo Foucault, fez com que os aspectos ligados à sexualidade passassem a ser disciplinados segundo preceitos científicos, que, ao mesmo tempo, tem uma relação de continuidade e descontinuidade com os ideais morais e religiosos anteriores. Essa prescrição de normas interfere diretamente na constituição das identidades sexuais dos sujeitos, sejam eles/elas hetero ou homossexuais, uma vez que o discurso que ronda a sexualidade se impõe como um regime de verdade sobre os sujeitos em nossa sociedade. Desta forma, segundo o autor, cabe aos/as homossexuais resistir aos padrões heterossexuais que são ditos corretos e que modulam as práticas sexuais. Deve-se refletir de que forma essa imposição ocorre e quais prejuízos pode trazer para uma experiência que poderia ser transformadora e criadora de novas formas de relações. Assim, Foucault questiona mesmo a luta dos movimentos homossexuais e seus objetivos, posicionando-se a favor da criação de uma estética da existência, coadunando com a visão de um direito relacional que amplie as possibilidades de existência e que não as reduza a formas institucionalizadas e referenciais identitários excludentes, tanto para homossexuais como para heterossexuais. Busca-se, com este trabalho, trazer uma reflexão acerca do dispositivo da sexualidade, sua influência nas relações homossexuais, bem como as possibilidades de superação dos atuais padrões sociais e sexuais baseados em referenciais identitários excludentes.

Palavras chaves: sexualidade, gênero, homossexualidade

Antes de iniciar-se a discussão acerca da concepção foucaultiana de homossexualidade, faz-se necessário compreender as questões referentes ao que Foucault denominou "dispositivo da sexualidade". Para o autor, este seria o meio pelo qual a sexualidade é regida, bem como o sexo (ato sexual), disciplinado. Em suas palavras:

Através deste termo [dispositivo] tento demarcar (...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões

regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes termos (FOUCAULT, 1996, p. 244)

Assim, por dispositivo da sexualidade, entendem-se práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer 'verdades' a respeito do corpo e seus prazeres. O dispositivo é "um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência" (idem), ou seja, em determinado momento histórico, a partir de contextos específicos, surgem discursos e práticas que visam responder às demandas sociais, políticas ou morais.

Este dispositivo, com suas verdades e valores morais, dita aquilo que deve ser praticado, interfere nas subjetividades e nas construções individuais referentes aos prazeres e ao corpo. Esta influência se dá em todos aqueles indivíduos que não se desprendem deste dispositivo, sejam eles hetero ou homossexuais. A concepção de sexualidade que se adota, segue um padrão fálico, em que o prazer sexual está intrinsecamente ligado ao ato sexual e principalmente à penetração, em ambos os casos de relações sexuais (homo ou heterossexuais).

O dispositivo da sexualidade tem o poder (e é sustentado por este mesmo poder) de tornar o sexo possuidor de uma verdade sobre o indivíduo, sendo que através dele se pode alcançar as profundezas do ser: "Não obstante, a idéia de que se deve ter um verdadeiro sexo está longe de ser dissipada. Seja qual for a opinião dos biólogos a esse respeito, encontramos, pelo menos em estado difuso, não apenas na psiquiatria, psicanálise e psicologia, mas também na opinião pública, a idéia de que entre sexo e verdade existem relações complexas, obscuras e essenciais" (FOUCAULT, 1982, p. 03).

Segundo Foucault, "foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la [a homossexualidade] como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos" (FOUCAULT, 1996, p. 233), sendo que com este crescente interesse pela homossexualidade, surgem também manifestações homossexuais interessadas em expor sua realidade, a verdade a partir do seu ponto de vista. Os homossexuais percebem esta dissecação de seus desejos como um desafio, partindo desta "colonização", rumo à "outras afirmações" (ibid., p. 234). Esta resistência, para Foucault é essencial para que os movimentos homossexuais

se afirmem, mas de outra forma que não aquela institucionalizada pelo dispositivo da sexualidade:

está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês. Toda uma literatura da homossexualidade, muito diferentes das narrativas libertinas, aparece no final do século XIX: veja Wilde ou Gide. É a inversão estratégica de uma "mesma" vontade de verdade (FOUCAULT, 1996, p. 233).

Percebe-se então que Foucault, não está interessado em uma análise da homossexualidade feita 'de fora', mas sim em formas de resistência contra aquilo que é dito verdadeiro pelos saberes legitimados em nossa sociedade. É a "inversão" do discurso, da vontade de saber, onde os indivíduos partem de um mesmo ponto, mas chegam a lugares distintos. O autor não ignora a repressão que pode vir a ocorrer contra estes pontos de resistência, pois o poder, sendo fluído e descentralizado, surge de todos os lugares com vistas à cooptar aqueles pontos de fuga. Se o corpo e a sexualidade revoltam-se a partir de sua própria exposição, intensificando os dizeres sobre o sexo e saturando a sociedade com uma sexualidade desmedida, o poder ressurgue e torna a adequar esta resistência aos seus discursos, ou como afirma Foucault:

A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: "Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzado!" (ibid., p.147).

Assim, o discurso da liberação sexual, da revolta contra a repressão é transformado em mercado, passa-se a consumir aquilo que um dia foi 'rebelde' 'alternativo'; os pontos de fuga são transformados em mercadoria e consumidos como a 'última moda'. Cabe então questionar de que forma a homossexualidade é vista atualmente. Não se pode negar que o espaço aberto na sociedade, principalmente pela mídia, fez com que aumentasse a discussão acerca deste tema, mas até que ponto esta discussão, que poderia ter um caráter inovador e transformador, não serve aos ideais de uma sociedade normatizadora e que transforma tudo em dinheiro?

Pode-se então refletir sobre os apontamentos de Foucault em relação aos movimentos homossexuais de liberação e de afirmação. Segundo ele, caberia a estes movimentos, lutar por algo que supere o sexual, fugindo assim das imposições

realizadas pelo dispositivo da sexualidade e pela sociedade capitalista, que estimula o consumo de produtos ligados à uma sexualidade que cultua o falo e o orgasmo. Deve-se transcender a reivindicação pela "especificidade sexual", deslocando-se "para reivindicar formas de cultura, de discurso, de linguagem, etc., que são não mais esta espécie de determinação e de fixação a seu sexo" (FOUCAULT, 1996, p. 268). Mas ainda segundo o autor, esta superação não vem ocorrendo, pois "os movimentos homossexuais continuam muito presos à reivindicação dos direitos de sua sexualidade, à dimensão do sexológico. Mas isso é normal, pois a homossexualidade é uma prática sexual que, enquanto tal, é combatida, barrada, desqualificada" (id.).

Neste sentido, Foucault aponta alternativas para a construção de um 'modo de vida homossexual', estando a principal delas centrada na amizade alcançada através de uma ascese individual e de uma dessexualização das relações. Em seu livro *Amizade e estética da existência em Foucault* (1999), Francisco Ortega visa discutir algumas questões referentes a amizade enquanto possibilidade de reconstrução de uma estética da existência e de um modo de vida homossexual, idéia presente nos últimos trabalhos de Foucault.

A primeira questão levantada por Ortega refere-se à dessexualização do prazer, buscando-se novas formas que superem o ato sexual - penetração - com objetivo único de alcançar o orgasmo. Forma esta institucionalizada em nossa sociedade que, a partir do dispositivo da sexualidade, criou uma *scientia sexualis* em detrimento de uma *ars erótica* (ibid., p.146). Segundo Ortega, "as práticas sadomasoquistas constituem, para Foucault, uma forma de dessexualizar o prazer, criando novas possibilidades de obter prazer" (ibid., p. 147). Estas práticas seriam, dentro da opção de Foucault, uma alternativa para os valores institucionalizados em nossa sociedade, valores que dicotomizam, por exemplo, prazer e dor. Esta seria uma das formas de buscar prazer através de diversas partes do corpo, através de diversos tipos de instrumentos e sensações contra o dispositivo da sexualidade (ORTEGA, 1999, p. 148).

Com relação à amizade, ORTEGA afirma que Foucault a via como uma forma de "atualização da estética da existência"¹ (ORTEGA, p. 154), destinando-se à cultura homossexual. Esta retomada da estética da existência através da amizade seria, segundo Ortega, possibilitada pela forma de vida atual, onde "os conceitos que organizavam a dinâmica da sociedade industrial: classe, família, profissão, matrimônio, sexualidade"

¹ "Na Antiguidade, a *estética da existência* era um assunto de muito poucos; estava limitada a um pequeno grupo que pretendia dotar sua vida de uma forma bela" (ORTEGA, 1999, p. 154).

estariam superados por novas formas de organização (ibid., p. 156). Assim, abre-se espaço para novas formas de vida, novas construções sociais e subjetivas, sendo que a homossexualidade ocupa um lugar importante, uma vez que se organiza dentro de relações diferenciadas das impostas à heterossexualidade.

A amizade colocada por Foucault, se distingue daquela presente na Antiguidade, pois aquela se tratava de uma forma institucionalizada e sem espaço para a experimentação (ORTEGA, 1999, p. 160). Outra diferença fundamental refere-se à separação que lhe era imposta naquele contexto em relação ao *eros* e a *philia*². Para Foucault interessava aproximar estes dois componentes, tornando a amizade uma busca mútua por prazer, porém não implicando "que toda amizade deva ter um caráter sexual" (ibid., p. 161).

Sobre a *ascece* enquanto prática que leva à uma nova forma de vida homossexual, Ortega afirma que:

A *ascece* é a tarefa de auto-elaboração. Na discussão atual sobre a amizade, a *ascece* deve desempenhar uma função importante, pois mediante as *práticas de si* pode-se alcançar uma *ascece homossexual*, que permita inventar um modo de vida até agora improvável. As decisões sexuais possuem uma dimensão existencial, atravessam a totalidade da vida e são susceptíveis de transformá-la (...) Ser homossexual significa para Foucault ser em *devir* (ORTEGA, 1999, p.166).

Assim, para Foucault, caberia a cada indivíduo tomar as decisões acerca de suas práticas, sexuais ou não. Este trabalho constituiria então, a identidade de cada um, não somente enquanto identidade sexual, mas a partir da busca de novas formas de existência e de vivência dos prazeres, independentemente das regras sociais e sexuais impostas pela sociedade e pelo dispositivo da sexualidade. Ainda neste sentido, Ortega afirma que "cada indivíduo deve formar sua própria ética; a ética da amizade prepara o caminho para a criação de formas de vida, sem prescrever um modo de existência como correto" (ORTEGA, 1999, p. 167), onde a amizade joga dentro das relações de poder, não permitindo que elas se transformem em "estados de dominação" (ibid., p. 168).

Dentro desta concepção de modo de vida homossexual, não caberia a luta dos homossexuais por direitos iguais aos dos heterossexuais, pois segundo Ortega, "isto significaria a ampliação a círculos homossexuais das formas de comunidade e relacionamento reduzidas na atualidade aos heterossexuais, em vez de inventar novas

² Para Platão, *eros* designa sempre uma atividade da alma, enquanto *philia* representa uma condição. *Eros* como atividade conduz à *philia*, evoca a amizade, mas somente na alma justa (ORTEGA, 1999, p. 159).

formas de existência não institucionalizáveis" (ibid., p. 169). Ou seja, lutar pelo direito de ter as mesmas formas de vida e de relacionamento que têm os heterossexuais significa institucionalizar e limitar uma forma de vida que pode inventar uma série de possibilidades de existência, que podem ir além do casamento, da família e da monogamia imposta pelo Estado. Seria inverter o processo criativo de construção de uma ética individual e de novas formas de relacionamento.

Sendo assim:

A luta homossexual deve (nisto consiste seu poder transgressivo ampliável a outros tipos de conflitos sociais: movimentos anti-racistas, ou feministas etc.) aspirar à criação de um novo "direito relacional", que permita todo tipo possível de relações, em vez de impedi-las ou bloqueá-las... A possibilidade de constituir formas novas de sociedade é também possível para a comunidade heterossexual, que tem de ser incluída na luta por um novo "direito relacional" (ORTEGA, 1999, p. 170).

Pois, segundo Foucault, um novo modo de vida pode superar as barreiras sociais e históricas colocadas entre os indivíduos uma vez que, "um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividades sociais diferentes" (FOUCAULT, 1981, p. 38).

A partir da concepção foucaultiana de 'modo de vida homossexual', pode-se refletir acerca da questão da identidade homossexual, sobre qual seria para ele a identidade a ser buscada - ou não - pelos homossexuais.

Uma inquietação colocada por Foucault em uma de suas entrevistas ³ relaciona-se com o problema central da homossexualidade, que segundo ele não deveria ser: "Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?", mas sim: "Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?" (FOUCAULT, 2005). Fica clara a sua preocupação em inventar um modo de vida que supere as questões sexuais, bem como o caráter fluído que para ele, uma identidade deveria apresentar. A jornada não busca descobrir 'quem se é', 'como se é' ou 'por que se é' de determinada maneira, mas sim como fazer da vida uma experiência transformadora e renovada a cada experiência, libertando-se de valores morais socialmente impostos e regulados, nas palavras de Foucault: "temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos" (id.).

³Da amizade como modo de vida. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html> . Acesso em: 22/04/2005.

Outro ponto colocado pelo autor refere-se à imagem construída ao redor da homossexualidade, imagem esta que deve ser combatida, mesmo que às custas da resistência daqueles que não aceitam a homossexualidade enquanto existência válida. Na sua opinião, a homossexualidade deixa-se ver apenas como uma "forma de um prazer imediato", uma vez que o que choca as pessoas, não seria o ato sexual em si, mas a possibilidade "que indivíduos comecem a se amar, e aí está o problema" (ibid., p. 38).

Percebe-se claramente esta disposição da opinião pública em geral em considerar a homossexualidade enquanto uma prática estritamente sexual, que excluiria quaisquer outros sentimentos que seriam próprios apenas dos relacionamentos heterossexuais, visto que como afirma Foucault: "continuamos a pensar que algumas dentre elas [práticas que transgridem a lei] insultam a "verdade": um homem "passivo", uma mulher "viril", pessoas do mesmo sexo que se amam..." (FOUCAULT, 1982, p. 03).

A amizade colocada pelo autor como possibilidade de relacionamento, tem como uma de suas funções superar esta identidade sexualizada imposta pela sociedade, o que levaria a uma transformação deste estilo de vida homossexual voltado para a busca do orgasmo, onde "isso em que devemos trabalhar, me parece, não é tanto em liberar nossos desejos, mas em tornar a nós mesmos infinitamente mais suscetíveis a prazeres" (FOUCAULT, 2005).

Em suma, para Foucault, não cabe à homossexualidade buscar uma identidade delimitadora de práticas, características próprias e imutáveis, mas estar em busca do devir, do ser homossexual enquanto um modo de vida, com uma estética da existência. Não se deve lutar por uma decifração e conseqüente delimitação de uma identidade homossexual, pois corre-se o risco de cair nas armadilhas da norma, estabelecendo-se como o fez anteriormente, a justiça ou a medicina, características próprias e determinantes do 'desvio'. Para Foucault, "ser gay é não se identificar aos traços psicológicos e às máscaras visíveis do homossexual, mas buscar definir e desenvolver um modo de vida" (ibid.).

Neste sentido alguns autores compartilham a opinião de Foucault acerca das limitações que a exigência de uma identidade homossexual pode trazer para as construções individuais, afirmando que esta exigência pode se tornar mais uma entre as várias de uma sociedade normalizadora, que precisa de uma certa padronização nas formas de vida e que necessita de nichos de consumo específicos a quem possa oferecer mercadorias apropriadas, bem como realizar um controle especializado à medida que delimita espaços homossexuais e atitudes típicas destes indivíduos.

Uma discussão interessante, comentada por TREVISAN (1986) e POLLAK (1986) refere-se à questão do 'ser ou estar' homossexual. Segundo TREVISAN, alguns grupos organizados da década de oitenta eram contrários à uma determinação da homossexualidade enquanto condição inata, defendendo seu aspecto de circunstância. Esta visão certamente amplia as reflexões acerca de uma identidade homossexual, passando a enxergar uma disposição, um desejo sexual que pode variar quanto ao 'objeto'. Desta forma, poder-se-ia pensar em uma sexualidade menos institucionalizada.

Porém, não se pode deixar de ver o outro lado dessa discussão, pois ao se repensar a questão da identidade homossexual, derrubando as cercas da sexualidade e ampliando a percepção do desejo, pode-se retornar a uma postura opressora, que através do discurso da diversidade e do fim das identidades, passaria a ocultar a homossexualidade, encobrindo-a sob o manto da inclusão e da diversidade. Logo, não se trata de ignorar a homossexualidade, mas de ampliar a reflexão acerca das possibilidades de prazer.

POLLAK (1986, p. 58) pode contribuir com esta discussão ao afirmar que "não se nasce homossexual", mas que se aprende a sê-lo em decorrência das descobertas efetivadas no decorrer de sua vida. Pode-se compreender esta afirmação no sentido de que a homossexualidade deve ser de certa forma aprendida, pois sua vivência exige uma série de condutas e códigos que são modificados com o decorrer do tempo e de acordo com o local, da mesma forma que acontece com a heterossexualidade. Esta aprendizagem pode ocorrer de forma harmônica - muito difícil, em virtude da sociedade em que vivemos - ou de forma conflituosa. Pois, assim como ser homem ou mulher exige atitudes muitas vezes impostas e não aceitas sem resistência, desejar outra pessoa do mesmo sexo biológico exige uma série de atitudes pré-formatadas, de maneira explícita ou não, em uma sociedade como a nossa.

Concluimos por hora nossa reflexão sobre os movimentos homossexuais e a questão da identidade sexual, com as afirmações feitas por MAC RAE (1987). O autor questiona a validade dessas lutas, uma vez que estas privilegiariam a imposição de uma identidade homossexual, chegando-se a ponto da criação de guetos que rejeitam a participação de "outros". Sendo a identidade sexual uma construção individual e social, exigir uma homossexualidade essencial ou intrínseca ao indivíduo constitui-se como uma contradição dentro desses movimentos. Ao mesmo tempo em que eles lutam pelo fim do preconceito acabam tornando-se rígidos na exigência de um "padrão" homossexual.

Isso levaria à uma regulamentação das práticas, um controle sobre os indivíduos e uma padronização que tornaria mais aceito aquele homossexual que se encaixa em um modo de ser mais próximo ao modo heterossexual. Isso fecha um círculo no qual ficam de fora aqueles que mais “incomodam” e que não se encaixam nesse padrão. Deve-se então partir desses discursos moralizantes para uma resistência criativa, inventando novas formas de ser e fugindo dessas limitações impostas por uma identidade fixa. Não ficar preso em guetos, onde se localizam “nós” e “eles”, e sim criar novas formas de vida que reconheçam a multiplicidade de prazeres e desejos.

Muitas questões foram levantadas, e certamente nem todas foram respondidas, mas temos a consciência de que a luta pela diversidade – em todos os aspectos do ser humano – é uma luta difícil e que ainda esbarra em problemas internos aos próprios movimentos. Sabemos que a diversidade sexual encontra obstáculos profundamente arraigados na sociedade e que os primeiros passos rumo à transformação vêm sendo dados.

Sabemos que ao questionar a luta pela união civil ou pela garantia dos direitos sociais aos quais não têm direitos os/as homossexuais, estamos talvez nos antecipando a uma luta que ainda não pode ser travada, afinal a homossexualidade antes de buscar a construção de novas formas de existência precisa ultrapassar barreiras mais arcaicas como a impossibilidade de constituição de uma família ‘de verdade’ frente à sociedade. Concordamos com os/as autores/as quando afirmam que deveríamos lutar pela derrubada dos atuais padrões sociais – família nuclear, burocratização das relações, casamentos presos a cerimônias tradicionais etc. – e não pela inserção da diversidade nesses padrões.

Mas antes disso precisamos reconhecer que enquanto os/as homossexuais não tiverem acesso à adoção de crianças e à ‘legalização’ de suas uniões, por exemplo, nada poderá ser feito, a não ser que toda a sociedade civil, sem distinção, lute de forma conjunta para a transformação desses valores. Enquanto isso não ocorrer, cada um tem o direito de viver de acordo com aquilo que lhe garante o sentimento de inserção na sociedade, e isso deve ser garantido.

Desta forma, esperamos colaborar com uma discussão que vá além da luta pela união civil e/ou religiosa, e pela garantia de direitos que nos são impostos como necessários e corretos. Buscamos dar um passo além, mesmo que de forma inicial e teórica, para que todos/as possam recriar novas formas de existência.

Referências

FOUCAULT, Michel. **Da amizade como modo de vida**. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html> . Acesso em: 22/04/2005.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

_____. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Tradução de Irley Franco. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

MAC RAE, Edward. Afirmção da identidade homossexual: seus perigos e sua importância. In. TRONCA, Ítalo. **Foucault vivo**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1999.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In: ARIÉS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TREVISAN, Silvério João. **Devassos no paraíso**. Rio de Janeiro: Editora Max Limonad, 1986.